

17-09-2020

PIB, pibinho, PIMBA!

Rosângela Gaze

[Médica sanitária. Professora do Instituto de Estudos de Saúde Coletiva/UFRJ]

Pimba nos idosos mortos! Pimba nos trabalhadores adoecidos! Pimba nos trabalhadores precarizados, desempregados, desalentados! Pimba nos trabalhadores mortos! Pimba nos trabalhadores!

Muitas razões têm sido apontadas para o número de vítimas da pandemia e, dentre as mais comentadas, está o negacionismo do presidente da República Jair Messias Bolsonaro sobre a existência e a gravidade da pandemia que, na balança do "dinheiro ou a vida", opta sempre pelo primeiro. Pensadores já se detiveram bastante sobre a questão. Difícil é esquecer que o mandatário da nação considera o extermínio de mais de 130 mil brasileiros uma "coisa da vida".

Os 74 mil idosos mortos até o mês de agosto - 74% dos óbitos nos primeiros 100 mil ocorreram em pessoas com mais de 60 anos - levaram à perda de R\$ 167 milhões na renda mensal dos domicílios. Isto acontece porque a renda dos idosos 'garante' mais da metade dos ganhos em 20,6% de domicílios (14,7 milhões) cuja renda média mensal é de cerca de R\$ 1.621,00 por pessoa. Sem contar que a renda dos idosos é a única fonte em 18% de domicílios (12,9 milhões) (Camargo, 28/08/20). Em outras palavras, 38% (uma em cada três) das famílias depende da renda de um idoso para consumir alimentos, bebidas, roupas, medicamentos, produtos de higiene, pagar contas, passagens, escola, aluguel e despesas pessoais no andar a vida.

•
O PIB [Produto Interno Bruto] é um indicador de fluxo de bens e serviços que acompanha tendências de desempenho entre as economias dos países. Não revela a distribuição de renda, qualidade de vida, educação e saúde. Regiões com PIB baixo podem ter excelente padrão de vida e vice-versa (veja). O PIB pode ser calculado sob três óticas diversas (oferta, demanda e rendimento) devendo o resultado final ser sempre o mesmo. Nossa conversa aborda o PIB pela ótica da demanda que expressa as despesas do país: das famílias em bens de consumo (consumo privado); do Estado em bens de consumo (consumo público); despesa das empresas em bens de capital, matérias-primas e produtos (formação de capital fixo e de variação); despesas em importações e em exportações (veja). •

A retração da economia decorrente do distanciamento social - mandatário ao controle sanitário da pandemia - é colocada como uma das razões principais do desempenho do pibinho. O PIB brasileiro abril-junho (antes da marca dos 100 mil) encolheu 9,7%.

Pouco se comenta que parcela significativa da queda do pibinho está atrelada à retração de 12,5% no consumo das famílias, que responde por 65% do PIB (Capetti; Martínez-Vargas, 01/09/20). Cabe perguntar:

Alguém acredita que os 38% das famílias impactadas pela morte de um 'CPF idoso' - e decorrente perda ou redução de seus ganhos - poderão continuar consumindo e garantindo essa fração do PIB?

E agora, José? [...]

sua lavra de ouro,

seu terno de vidro,

sua incoerência,

seu ódio

- e agora?

(Carlos Drummond de Andrade, 1942)

Os idosos eliminados - muitos pela ausência de investimentos no SUS - deixaram almas esfaqueadas pelo irreparável evitável... Os idosos abandonados - trabalhadores das lavouras, indústrias e serviços que viveram contribuindo para a economia - não puderam entrelaçar suas mãos aos amores de toda a vida.

E agora, José?

Sua doce palavra,

seu instante de febre, / sua gula e jejum, [...]

- e agora?

O PIB, amor do capital, é o que importa! - diz a tríade: economistas, elites financeiras nacionais / transnacionais e governantes.

E agora, José? Os idosos mortos não podem mais levantar... o PIB que os matou... e nem a causa mostrou-se boa, não é pibinho?

E agora, José?

Com a chave na mão / quer abrir a porta,

não existe porta;

quer morrer no mar,

mas o mar secou; ...

O necrocapital alimenta-se de perdas humanas irreparáveis pois, na lógica economicista do PIB, que se nutre do consumo das famílias, estas se endividam para continuar a caminhar a vida tomando empréstimos que sustentam seu algoz: o necrocapital! Endividando-se, inclusive, para garantir saúde, um dever do Estado! *José, para onde? ■■■*

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.